



A FORMAÇÃO DO CARÁTER ÉTICO NA ANTIGUIDADE: QUMRAN, JESUS E A DINÂMICA PSICOLÓGICA DA VIRTUDE

THE FORMATION OF ETHICAL CHARACTER IN ANTIQUITY: QUMRAN, JESUS, AND THE
PSYCHOLOGICAL DYNAMIC OF VIRTUE

LA FORMACIÓN DEL CARÁCTER ÉTICO EN LA ANTIGÜEDAD: QUMRÁN, JESÚS Y LA
DINÁMICA PSICOLÓGICA DE LA VIRTUD

Richarde Barbosa Guerra¹

 <https://doi.org/10.57108/iesj.2026.6-1.11>

RESUMO

O artigo analisa a formação do caráter ético ao comparar os Manuscritos do Mar Morto com as Bem-aventuranças de Jesus, focando especialmente na psicologia da virtude. Sob a ótica psicológica, as Bem-aventuranças funcionam como um guia para a autorregulação emocional e a integração da personalidade, onde virtudes como a mansidão promovem estabilidade interna frente a conflitos. Diferente do legalismo externo, a proposta de Jesus desloca a ética para a intenção e a saúde mental, sugerindo uma psicopedagogia que visa o florescimento humano. Em suma, o texto conclui que essa espiritualidade antiga, ainda que sempre atual, antecipa conceitos modernos de maturidade moral, transformando a disposição interior em uma ferramenta para a restauração profunda da psique e o bem-estar relacional.

Palavra-chave: Manuscritos do Mar Morto; Bem-aventuranças; psicologia; psique.

ABSTRACT

The article analyzes the formation of ethical character by comparing the Dead Sea Scrolls with the Beatitudes of Jesus, focusing especially on the psychology of virtue. From a psychological perspective, the Beatitudes function as a guide for emotional self-regulation and personality

¹ Graduado em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia e Doutorando em Psicologia e Ética Cristã pela Ivy Enber Christian University of Florida.

integration, where virtues such as meekness promote internal stability in the face of conflicts. Unlike external legalism, Jesus' proposal shifts ethics toward intention and mental health, suggesting a psychopedagogy aimed at human flourishing. In short, the text concludes that this ancient yet ever-current spirituality anticipates modern concepts of moral maturity, transforming inner disposition into a tool for the deep restoration of the psyche and relational well-being.

Keywords: Dead Sea Scrolls; Beatitudes; psychology; psyche.

RESUMEN

El artículo analiza la formación del carácter ético al comparar los Manuscritos del Mar Muerto con las Bienaventuranzas de Jesús, centrándose especialmente en la psicología de la virtud. Desde una perspectiva psicológica, las Bienaventuranzas funcionan como una guía para la autorregulación emocional y la integración de la personalidad, donde virtudes como la mansedumbre promueven la estabilidad interna frente a los conflictos. A diferencia del legalismo externo, la propuesta de Jesús traslada la ética hacia la intención y la salud mental, sugiriendo una psicopedagogía que apunta al florecimiento humano. En definitiva, el texto concluye que esta espiritualidad antigua, pero siempre actual, anticipa conceptos modernos de madurez moral, transformando la disposición interior en una herramienta para la restauración profunda de la psique y el bienestar relacional.

Palabras clave: Manuscritos del Mar Muerto; Bienaventuranzas; psicología; psique.

1 INTRODUÇÃO

Os *Manuscritos do Mar Morto*, também conhecidos como *Rolos do Mar Morto*, descobertos em Qumran, contêm textos que refletem a vida, as crenças e as práticas da comunidade judaica do Segundo Templo, particularmente os essênios. Como é de entendimento comum, os textos de Qumran não são cristãos, apesar disso, muitos temas e ensinamentos das Bem-aventuranças (Mt 5.3-12) têm paralelos e ressonâncias com estes.

Para essa análise foi utilizada como referência principal a obra *The complete Dead Sea Scrolls in English*, de Geza Vermes (Vermes, 1997).

A possível interlocução entre o Sermão do Monte e os Manuscritos do Mar Morto tem sido apontada por diversos estudiosos como um caminho relevante para compreender o

ambiente espiritual e ético que moldou o judaísmo do Primeiro Século. Ainda que não haja evidências diretas de que Jesus tenha utilizado os textos de Qumran, é inegável que ambos emergem de um mesmo contexto socioteológico marcado pela expectativa escatológica, a purificação da comunidade e a centralidade da justiça diante de Deus. Como observa John J. Collins, a literatura de Qumran já articulava uma espiritualidade de humildade, dependência e pureza ética que ecoa, de forma surpreendente, na proclamação de Jesus no alto do monte, onde Ele radicaliza e universaliza princípios que, até então, estavam circunscritos a um grupo sectário (Collins, 2010).

Nesse contexto, este artigo busca responder à seguinte questão: em que medida as Bem-aventuranças podem ser compreendidas como um modelo de formação do caráter, à luz da psicologia contemporânea, em diálogo com a tradição de Qumran? Para tanto, adota-se uma abordagem interdisciplinar, que integra análise histórico-literária dos textos com contribuições da psicologia moral, da psicologia positiva e da psicologia humanista.

2 PARALELOS ENTRE OS MANUSCRITOS DO MAR MORTO E AS BEM-AVENTURANÇAS

A descoberta dos Manuscritos do Mar Morto na metade do século XX proporcionou uma mudança de paradigma nos estudos bíblicos, permitindo que o Novo Testamento fosse lido sob uma nova luz histórica e cultural. Ao revelar a complexidade e a diversidade do judaísmo do Segundo Templo, esses documentos ofereceram o contexto vital para compreender a linguagem e a teologia das primeiras comunidades cristãs. Nesse cenário, o Sermão da Montanha, e especificamente as Bem-aventuranças, deixou de ser visto como um ensino isolado para ser compreendido como parte de um diálogo vibrante com tradições judaicas contemporâneas de matriz sapiencial e escatológica.

O paralelo literário entre as Bem-aventuranças e os textos encontrados em Qumran, como o rolo das *Hodayot* e o fragmento *4Q525*, demonstra uma notável afinidade

terminológica e conceitual. A ênfase recorrente em figuras como os pobres em espírito, os humildes e os aflitos refletem uma herança espiritual comum que valoriza a dependência absoluta da graça divina em face das provações humanas. Essas semelhanças sugerem que o vocabulário utilizado por Jesus no relato de Mateus estava profundamente inserido em um léxico de piedade e esperança compartilhado por grupos que, embora distintos em suas práticas, aguardavam a restauração messiânica e a justiça de Deus.

No entanto, comparar esses dois corpora textuais vai além da mera identificação de coincidências linguísticas, alcançando a própria essência da formação ética e da identidade religiosa da época. Enquanto os manuscritos sectários frequentemente vinculam a virtude a um isolamento rigoroso e à preservação da pureza em uma comunidade fechada, as Bem-aventuranças propõem uma ética da interioridade que convida à transformação do caráter para a atuação no mundo. O estudo comparativo permite discernir tanto as raízes judaicas do ensino de Jesus quanto a originalidade de sua mensagem no que diz respeito ao desenvolvimento da subjetividade e da maturidade moral do indivíduo.

Percebe-se que três trechos em especial do Mar Morto se destacam no paralelo com as bem-aventuranças, a saber: *Hodayot* (QH), *Serekh ha-Yahad* (QS) e *Damascus Document* (CD), que serão abordados a seguir.

2.1 QH – HODAYOT

QH - Hodayot (Thanksgiving Hymns) refere-se aos Hinos de Ação de Graças (*Hodayot*), que são uma coleção de poemas litúrgicos atribuídos à comunidade de Qumran. Esses textos expressam louvores a Deus e frequentemente destacam a dependência do autor em relação à graça divina.

Encontrados inicialmente na Gruta 1 de Qumran, os hinos que compõem as *Hodayot* são fundamentais para a compreensão da antropologia e da teologia da comunidade sectária. A obra é caracterizada por uma linguagem poética que alterna entre o lamento individual e a

exaltação comunitária, frequentemente atribuída à liderança do Mestre da Justiça. Através de um vocabulário marcado pelo dualismo, o texto reforça a identidade dos membros do grupo como eleitos que receberam o conhecimento revelado para enfrentar o período de provação escatológica.

No âmbito das relações intertextuais com o Novo Testamento, as *Hodayot* oferecem um substrato semântico essencial para o estudo do Sermão da Montanha. A presença recorrente de termos que descrevem a condição humana de humildade, como os pobres em espírito e os aflitos, sugere que o vocabulário das Bem-aventuranças estava profundamente enraizado em uma tradição de piedade judaica específica. A análise desses manuscritos permite situar as palavras de Jesus dentro de um contexto de esperança messiânica e retidão ética compartilhado por grupos contemporâneos ao Segundo Templo.

2.2 QS – SEREKH HA-YAHAD

QS - Serekh ha-Yahad (Community Rule) refere-se à Regra da Comunidade (*Serekh ha-Yahad*), um texto normativo que define as regras e regulamentos para os membros da seita de Qumran. Ele descreve as leis para admissão, disciplina, celebrações e estrutura hierárquica.

A Regra da Comunidade, designada tecnicamente pela sigla *IQS*, funciona como um estatuto organizacional e teológico fundamental para a identidade da seita de Qumran. O manuscrito estabelece um compromisso rigoroso com a interpretação da Torá, exigindo que os ingressantes passem por um processo de iniciação que envolve a entrega de bens e a submissão a uma hierarquia sacerdotal. Esse texto é essencial para compreender como o grupo se via como o remanescente fiel de Israel, vivendo em um estado de pureza ritual e ética em preparação para o advento messiânico.

Além de suas prescrições disciplinares, o *Serekh ha-Yahad* contém a importante instrução sobre os dois espíritos, que fundamenta o dualismo ético entre os filhos da luz e os filhos das trevas. Esse arcabouço normativo molda um ideal de santidade baseado na retidão e

na humildade, oferecendo paralelos valiosos para o estudo das estruturas comunitárias e das exigências de comportamento presentes no judaísmo do Segundo Templo. Dessa forma, o documento permite situar as exortações éticas da época dentro de um contexto de separação do mundo e dedicação total à justiça divina.

2.3 CD – DAMASCUS DOCUMENT

CD - Damascus Document, o Documento de Damasco, também conhecido como Fraternidade de Damasco, é um texto que descreve a História, a Teologia e as leis da comunidade Qumranita. Ele também discute a aliança com Deus e os desvios do pacto por parte de Israel.

O Documento de Damasco, preservado tanto em cópias da Geniza do Cairo quanto em fragmentos das cavernas de Qumran, apresenta uma estrutura que combina exortações históricas com prescrições legais detalhadas. A obra narra a trajetória de um grupo que se via como o remanescente fiel de Israel, o qual, sob a liderança do Mestre da Justiça, teria se retirado para uma terra simbólica de Damasco a fim de renovar a aliança. Essa narrativa é fundamental para compreender a retórica de separação e a urgência escatológica que caracterizavam o pensamento sectário da época.

Do ponto de vista teológico, o manuscrito enfatiza a fidelidade absoluta aos preceitos da Torá em um período de profunda crise institucional e espiritual. O texto articula uma ética de resistência onde a observância rigorosa das leis sabáticas e de pureza funciona como sinal de pertença ao verdadeiro povo de Deus. Ao analisar o Documento de Damasco em relação ao Novo Testamento, percebe-se como o vocabulário de justiça e a expectativa por uma restauração divina permeavam o ambiente religioso em que as Bem-aventuranças foram formuladas.

2.4 PERSPECTIVA PSICOLÓGICA

Além do diálogo histórico e literário entre as Bem-aventuranças e os textos de Qumran, torna-se possível – e até necessário – situar essa comparação dentro de uma hermenêutica que contemple também aspectos psicológicos e formativos presentes na ética cristã. Isso porque tanto a comunidade de Qumran quanto o ensino de Jesus em Mateus 5 lidam com dimensões profundas da interioridade humana, tais como humildade, dependência, pureza, misericórdia, justiça e perseverança. Logo, a psicologia contemporânea denomina esse conjunto de disposições como *virtudes morais* e *traços de caráter*, associando-os ao desenvolvimento saudável da personalidade e ao fortalecimento da vida emocional e relacional. A identificação dos paralelos entre os Manuscritos do Mar Morto e o Sermão do Monte não se limita a um exercício histórico, uma vez que abre espaço para compreender como tais textos funcionam como “mapas” de transformação do *self*, algo que ecoa tanto na psicologia humanista quanto na psicologia moral hodierna (Haidt, 2001).

Partindo disso, a ética de Cristo apresentada nas Bem-aventuranças pode ser analisada como um modelo de formação integral que abrange dimensões espirituais, morais e psicológicas. Diferentemente da ênfase comunitária e normativa encontrada em Qumran, Jesus desloca o eixo da ética para o coração, ou seja, para a disposição interior que orienta a ação. Tal dimensão subjetiva se aproxima da compreensão psicológica de integridade como coerência entre motivação, emoção e comportamento, articulando maturidade moral e saúde interior (Kohlberg, 1981; Ricoeur, 1992).

Investigar as ressonâncias entre Qumran e Mateus 5 à luz da psicologia permite reconhecer nas Bem-aventuranças um processo formativo que integra virtude, cura emocional e ética relacional, revelando um caminho de humanização que transcende épocas e tradições.

A análise psicológica desses textos revela como diferentes ambientes comunitários moldam a identidade do indivíduo diante da transcendência e do sofrimento. Enquanto em Qumran a estrutura normativa e o isolamento oferecem um sentido de segurança e pertença por meio do rigor institucional, as Bem-aventuranças propõem uma reconfiguração da

identidade baseada na aceitação da própria vulnerabilidade. Essa transição do purismo legalista para a abertura existencial reflete um movimento de individuação, no qual o sujeito é convidado a encontrar estabilidade psíquica não no controle externo das normas, mas na resiliência interna cultivada pela confiança e pelo despojamento.

Sob a ótica da psicologia das virtudes, a prática da mansidão e da misericórdia sugerida por Jesus funciona como um mecanismo de autorregulação emocional que promove o florescimento humano em contextos de crise. Ao contrário de uma obediência puramente prescritiva, o modelo das Bem-aventuranças visa a uma reeducação dos afetos, transformando a carência e a perseguição em forças motrizes para a empatia e a coesão social. Esse processo de amadurecimento subjetivo estabelece umnexo entre a saúde mental e a práxis ética, sugerindo que a integridade do caráter é o resultado de uma integração profunda entre o reconhecimento das limitações humanas e a busca ativa por um propósito comum.

3 REMISSÕES AO TEXTO BÍBLICO

3.1 Mt 5.3

IQH 18,14-15: “Aqueles que têm coração quebrantado e espírito humilde, para que possam ter a vida eterna”, conforme Vermes (1997) explana.

Em *IQH* 18,14-15, encontramos uma ideia semelhante, embora com uma formulação diferente. Os “corações quebrantados” e o “espírito humilde” são descritos como condições necessárias para que alguém alcance a vida eterna. Este trecho reflete um conceito rabínico e essênio de humildade espiritual, onde a humildade não é apenas um reconhecimento da própria insuficiência, mas também uma condição para alcançar a vida eterna, que é vista como um estado de proximidade com Deus.

O “pobre de espírito” de Mateus e o “coração quebrantado” de *IQH* expressam um reconhecimento comum de que a verdadeira espiritualidade começa com uma atitude de



humildade diante de Deus. Em ambas as tradições, essa humildade não é passiva, mas ativa, com o propósito de se tornar digno das bênçãos celestiais: o reino dos céus ou a vida eterna.

A partir de uma perspectiva psicológica, “pobreza de espírito”, “coração quebrantado” e “espírito contrito” podem ser compreendidos como expressões de uma postura interna que favorece o autoconhecimento, a abertura à transformação e a renúncia às defesas egocêntricas que impedem o amadurecimento humano. A psicologia humanista, por exemplo, identifica na humildade e na aceitação da própria vulnerabilidade condições fundamentais para o crescimento pessoal e para uma reorganização saudável do *self*, especialmente quando fundamentada em relações marcadas pela autenticidade e pela graça – elementos que dialogam profundamente com a ética do Reino proclamada por Jesus (Rogers, 1961). Tanto em Qumran quanto nas Bem-aventuranças, a humildade não é uma condição de inferiorização, já que se revela como sendo um estado psíquico que permite ao indivíduo romper com sistemas rígidos internos e abrir-se para um horizonte de sentido transcendente.

Do ponto de vista ético, a interpretação cristã da humildade se distingue por deslocar o eixo da transformação do campo ritual e comunitário – tão central aos textos de Qumran – para a conversão interior orientada pelo amor e a graça divina. Essa mudança se aproxima de compreensões contemporâneas da ética como formação do caráter, onde virtudes como humildade, confiança e disposição para o bem são desenvolvidas de dentro para fora e não apenas mediante conformidade a normas externas. Autores como Alasdair MacIntyre e Paul Ricoeur identificam esse processo como uma narrativa moral que reconfigura a identidade do sujeito e orienta seu agir no mundo (MacIntyre, 2007; Ricoeur, 1992).

3.2 Mt 5.4

IQH 23,24-27: “Tu [Deus] transformaste meu lamento em júbilo, e me cercaste de consolo eterno.”²

² *Ibidem*, p. 303.

Nos *Manuscritos do Mar Morto*, encontramos uma perspectiva semelhante, contudo com uma ênfase teológica centrada em Deus como o agente de transformação do lamento em alegria. O texto de *IQH* fala de como Deus transforma o sofrimento (lamento) do indivíduo em júbilo e o acode e alivia com consolo eterno. Este consolo é descrito como eterno, o que pode ser interpretado como algo que transcende o sofrimento imediato, um consolo que é definitivo e eterno, que não se desfaz com o tempo ou com as circunstâncias adversas.

A psicologia interpreta o lamento e o choro como movimentos legítimos e necessários na dinâmica da vida emocional, especialmente diante de perdas, injustiças e frustrações profundas. Para completar, aquilo que tanto Mateus quanto os textos de Qumran evidenciam é que a experiência humana do sofrimento não precisa levar à estagnação ou ao desespero, mas pode se tornar um espaço de transformação e reorganização do *self*. A literatura psicológica sobre luto, especialmente na perspectiva de autores como Elisabeth Kübler-Ross e William Worden, ressalta que o processo de chorar e elaborar a dor não apenas reconhece o sofrimento, como também prepara o indivíduo para reconstruir sentido e abrir-se a novas possibilidades de vida (Kübler-Ross & Kessler, 2005; Worden, 2009). A leitura teológica e ética de Mateus 5.4 reforça esse movimento: o consolo prometido por Cristo não é mera analgesia espiritual, antes, uma restauração da capacidade de viver, amar e esperar.

A partir de um paradigma ético, tanto Qumran quanto as Bem-aventuranças apontam para uma compreensão da dor como um caminho de amadurecimento moral. Em Qumran, o consolo eterno representa a validação divina daquele que sofreu de maneira justa e fiel; no ensino de Jesus, o consolo é fruto da ação graciosa de Deus que se volta para os vulneráveis. Em ambos, a espiritualidade não elimina o sofrimento, mas o ressignifica. A ética cristã acrescenta que esse consolo se fundamenta na compaixão divina, que chama o discípulo a olhar para a dor do outro com a mesma postura consoladora. Isso se aproxima da noção contemporânea de “ética do cuidado”, proposta por autores como Nel Noddings, que entende o ato de consolar como exercício de responsabilidade moral e empática (Noddings, 2013).

3.3 Mt 5.5

4Q525 Fragmento 2, 2,3-6: “Os mansos receberão uma herança de glória e alegria eterna.”³

O trecho de 4Q525, que é atribuído ao estilo de pensamento encontrado na *Sabedoria de Ben Sira*, declara que os “mansos” receberão uma herança de glória e alegria eterna; em Mateus, o conceito de “herança” é uma promessa de algo duradouro e divinamente concedido. No entanto, a ênfase aqui está em um gozo eterno, uma recompensa que transcende o tempo e as circunstâncias terrenas, sendo uma verdadeira herança espiritual que resulta de uma vida vivida com humildade e subordinação à vontade de Deus.

A comparação entre Mateus e 4Q525 revela uma semelhança fundamental na recompensa prometida aos mansos. Em ambos os textos, a ênfase está na herança que será concedida àqueles que adotam uma postura de humildade e mansidão. Para ambos os textos, a recompensa não é meramente uma vitória mundana ou passageira, entretanto algo que está profundamente ligado à esfera espiritual e eterna. Em Mateus, a herança da terra pode ser entendida como um símbolo do domínio divino sobre o mundo, uma promessa de paz e justiça no reino de Deus.

Ao aproximarmos o ideal bíblico dos “mansos” da perspectiva psicológica contemporânea, percebemos que a mansidão descrita tanto por Mateus quanto por 4Q525 não corresponde a passividade, fraqueza ou submissão acrítica. Ao contrário, aproxima-se do que a psicologia denomina **autorregulação emocional**, que consiste na capacidade de manter estabilidade interna mesmo diante de tensões externas. Pesquisas de psicologia moral indicam que indivíduos capazes de regular suas emoções tendem a apresentar atitudes mais cooperativas, menos agressivas e mais orientadas ao bem comum, características fortemente alinhadas ao ensino ético de Jesus (Tangney, Baumeister & Boone, 2004).

³ *Ibidem*, p. 457.



A ética de Cristo eleva esse conceito ao vinculá-lo a uma forma de existir que reflete o caráter de Deus: humildade, serviço e confiança. A psicologia observa que indivíduos que desenvolvem uma postura humilde – entendida não como autodesvalorização, mas como consciência realista de suas limitações e potencialidades – tendem a manifestar uma presença social mais colaborativa e empática (Rogers, 1961). Tendo isso como base, a “herança” prometida aos mansos pode ser compreendida, a partir de abordagem psicológica, como a plenitude relacional e emocional que emerge de uma vida orientada pela humildade e a paz.

3.4 Mt 5.6

IQS 4,6: “Buscar a justiça e o desejo de caminhar com retidão, e ser farto com o Espírito Santo.”⁴

O trecho de *IQS* reflete uma visão muito próxima de Mateus, com foco na justiça e retidão como valores essenciais para os membros da comunidade. A justiça aqui não é apenas uma questão ética, como também uma virtude espiritual que está diretamente relacionada ao desejo de viver em harmonia com as leis divinas. A busca por justiça em *IQS* é entendida como um esforço contínuo, não apenas por meio de ações exteriores, tal qual com um desejo profundo de caminhar retamente diante de Deus.

A comparação entre Mateus e *IQS* revela paralelos teológicos significativos, especialmente em relação à busca pela justiça e a promessa de plenitude espiritual. Ambos os textos se alinham em um entendimento de que a justiça divina e a retidão moral não são apenas valores éticos desejáveis, acabam por ter ainda um profundo impacto na realização do Reino de Deus. Além disso, a recompensa de ser “farto” em ambos os textos pode ser vista como uma plenitude espiritual – em Mateus, um futuro preenchido com justiça; em *IQS*, uma experiência espiritual contínua e profunda.

⁴ *Ibidem*, p. 102.

A busca pela justiça descrita tanto em Mateus quanto em 1QS pode ser enriquecida por uma leitura psicológica que entende esse anseio como expressão de uma necessidade humana fundamental: o senso de coerência. A psicologia moral e a psicologia do desenvolvimento observam que indivíduos profundamente comprometidos com a justiça demonstram altos níveis de **consistência ética**, isto é, a capacidade de alinhar motivação, afeto e comportamento em torno de valores intrínsecos (Kohlberg, 1981). Essa coerência guarda estreita relação com o que Mateus expressa por “fome e sede de justiça”, e o que 1QS traduz como um “desejo de caminhar com retidão”.

Ao mesmo tempo, a plenitude prometida – “ser fartos” – encontra paralelo significativo com conceitos psicológicos como bem-estar espiritual, sentido existencial e autorrealização. Estudos de psicologia positiva mostram que a experiência de viver segundo um propósito transcendental, especialmente quando associado à busca da justiça e do bem comum, gera altos níveis de satisfação subjetiva, resiliência e saúde emocional (Seligman, 2011). Quando Mateus e 1QS prometem que os que buscam a justiça serão “fartos” ou “satisfeitos”, essa plenitude pode ser compreendida, em chave psicológica, como a realização profunda que emerge de uma vida coerente, íntegra e espiritualmente orientada.

3.5 Mt 5.7

CD 1,20: “Conforme o mandamento, amar a todos os filhos da luz, cada um conforme a sua sorte no conselho de Deus, e aborrecer todos os filhos das trevas, cada um conforme a sua culpa na vingança de Deus.”⁵

O trecho do *Documento de Damasco* revela um contraste entre os filhos da luz e os filhos das trevas, que são duas categorias espirituais distintas no contexto da comunidade descrita. A ordem de amar os filhos da luz e aborrecer os filhos das trevas, no âmbito da

⁵ *Ibidem*, p. 130.

moralidade do *CD*, visa a pureza e a separação do justo do ímpio. A misericórdia, neste caso, parece ser reservada para os que são considerados fiéis a Deus e obedientes à sua lei.

Sob uma perspectiva psicológica, o contraste entre o Documento de Damasco (*CD* 1,20) e a mensagem de Mateus revela uma transição profunda entre o tribalismo defensivo e a maturidade emocional integrativa. No *CD* 1,20, a categorização rígida entre “filhos da luz” e “filhos das trevas” exemplifica a dinâmica de identidade social e o mecanismo de defesa da clivagem (*splitting*), em que a psique simplifica a realidade em opostos absolutos para reduzir a incerteza e fortalecer a coesão do grupo através da exclusão do “outro”. Essa visão retributiva da justiça oferece um fechamento cognitivo que acalma a ansiedade existencial em contextos de opressão, mas estabelece uma rigidez psíquica que limita a empatia e a integração da personalidade.

3.6 Mt 5.8

IQS 3,9: “Para separar-se da perversidade e andar em retidão, como está ordenado pela sua verdade, e purificar-se de todas as abominações.”⁶

O trecho de *IQS* 3,9 faz parte da *Regra da Comunidade*, um texto dos *Manuscritos do Mar Morto* que delinea os requisitos para aqueles que desejam viver em obediência a Deus dentro da comunidade. A pureza, nesse contexto, está intimamente relacionada ao afastamento da perversidade e à busca da retidão, conforme os ensinamentos e os mandamentos da verdade divina.

A reflexão sobre pureza em Mateus e em *IQS* pode ser enriquecida à luz da psicologia moral e da psicologia da religião, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento da integridade pessoal. Estudos clássicos apontam que a internalização de normas e valores éticos é fundamental para a formação de um eu coerente, autêntico e capaz de tomar decisões moralmente amadurecidas (Rest, 1986). A pureza de coração, portanto, não diz respeito

⁶ *Ibidem*, p. 101.



apenas a evitar más ações, pois auxilia de igual forma a cultivar uma vida interior alinhada a valores elevados, permitindo que a intenção seja tão transformada quanto o comportamento.

Além disso, a forte ênfase de 1QS na separação do mal e na conformidade às normas externas pode ser compreendida como expressão de uma psicodinâmica comunitária voltada para a proteção da identidade do grupo, algo amplamente discutido na psicologia social. Comunidades que se percebem ameaçadas – como a seita de Qumran – tendem a desenvolver estruturas rígidas de pureza e coesão para preservar seu propósito e sua unidade (Haidt, 2012). Por outro lado, a perspectiva de Jesus em Mateus desloca a pureza para a dimensão interior, enfatizando a sinceridade, a transparência emocional e a integridade do coração, dimensões que estudos contemporâneos associam a bem-estar psicológico, relações saudáveis e menor incidência de conflitos internos.

3.7 Mt 5.9

1QS 5,9: “E amará cada um a seu irmão como a si mesmo, e sustentará a paz com todos os homens.”⁷

O trecho de *1QS* é extraído da *Regra da Comunidade* e enfatiza tanto o amor fraternal quanto a busca pela paz dentro da comunidade. A instrução de “amarás o teu irmão como a ti mesmo” é um mandamento central no Judaísmo (e no Cristianismo), que é retomado em diversos textos, incluindo a Torá (Lv 19.18) e as palavras de Jesus, como em Mt 22.39. A paz aqui é entendida como harmonia social e relacional, algo que deve ser sustentado ativamente através do amor e da consideração mútua.

A relação entre paz, amor ao próximo e identidade comunitária observada em Mateus 5.9 e em *1QS 5,9* pode ser aprofundada à luz da psicologia. Pesquisas indicam que indivíduos que internalizam valores como empatia, compaixão e cooperação desenvolvem maior capacidade de resolução de conflitos e mediação pacífica (Goleman, 2006). Esses atributos

⁷ *Ibidem*, p. 104.



estão diretamente presentes no ensino de Jesus: ser pacificador não é apenas evitar conflitos, sobretudo é sobre exercer postura ativa de reconciliação. A bem-aventurança reconhece que esse comportamento procede de uma maturidade emocional e relacional que espelha o caráter do Pai, promovendo ambientes seguros, relações saudáveis e sociedades mais estáveis.

Por outro lado, IQS apresenta um modelo comunitário que valoriza fortemente a coesão interna e a estabilidade social, o que pode ser compreendido, no campo psicológico, como um mecanismo de proteção de grupo. Grupos que percebem ameaças externas naturais, políticas ou religiosas tendem a reforçar normas de cooperação e paz para garantir sua sobrevivência (Tajfel; Turner, 1986), deixando claro que a paz em IQS é também uma estratégia de manutenção da identidade coletiva. Ainda assim, há um ponto de encontro entre Mateus e Qumran que dialoga diretamente com achados da psicologia do século XXI: a paz nasce da relação ética com o outro, quer seja motivada pela identidade divina (Mateus), quer pelas normas comunitárias (IQS), o resultado desejado é o mesmo: relações marcadas por respeito, amor e colaboração.

3.8 Mt 5.10

IQH 6,19-20: “Por suportar insultos e provações, e para aqueles que andam na retidão e não se desviam do caminho de tua verdade.”⁸

Em *IQH*, a perseguição é descrita através da metáfora de insultos e provações que são suportados por aqueles que andam na retidão e não se desviam do caminho da verdade divina. Este trecho da *Hodayot* descreve aqueles que, sendo fiéis a Deus, enfrentam adversidades como um testemunho de sua fidelidade e compromisso com a justiça de Deus. A fidelidade ao caminho da verdade é fundamental, e aqueles que perseveram nessa retidão recebem bênçãos de Deus.

⁸ *Ibidem*, p. 254-255.



A comparação entre Mateus e os Manuscritos do Mar Morto ganha profundidade quando observada também à luz de estudos psicológicos sobre sofrimento, resiliência e construção de sentido, áreas que ajudam a compreender por que tradições religiosas tão diferentes insistem na ideia de que suportar provações molda o caráter. Pesquisas mostram que a resistência diante da adversidade costuma fortalecer uma pessoa: a firmeza diante da perseguição funciona como um eixo que consolida identidade, convicção e propósito; suportar o sofrimento por valores considerados superiores não apenas preserva a integridade, como também reafirma o compromisso público com a justiça e a verdade, algo que o próprio texto de 1QH descreve ao vincular insultos suportados à fidelidade à vontade divina.

Em 1QH, a metáfora das provações destaca justamente essa construção moral: a dor não é glorificada por si mesma, afinal, passa a ser entendida como consequência inevitável de uma vida alinhada à verdade. Essa visão se aproxima do que a psicologia da resiliência chama de *growth under pressure*, um processo no qual o indivíduo interpreta a adversidade como parte de uma narrativa maior que lhe dá sentido e estrutura emocional.

3.9 Mt 5.11-12

1QH 7,25-26: “Embora os filhos da iniquidade lutem contra mim, o Senhor fará com que o caminho do teu servo prevaleça, e trará alegria em todas as provações.”⁹

No *1QH*, o texto fala sobre os filhos da iniquidade que lutam contra o justo, contudo afirma que Deus fará com que o caminho do servo prevaleça, trazendo alegria mesmo nas provações. Este trecho descreve uma perseverança pela fé, onde o justo, embora afligido por adversidades, vê em Deus a fonte de sua vitória e alegria. Aqui, a provação é vista não como um obstáculo intransponível, senão como algo que, quando enfrentado com fidelidade a Deus, conduz à vitória espiritual e ao cuidado divino. A confiança na ação de Deus é central: Deus é quem traz a alegria e a prevalência do justo, mesmo em meio à luta.

⁹ *Ibidem*, p. 257.



Do ponto de vista psicológico, a capacidade de experimentar alegria mesmo diante de perseguições e provações – conforme aparece em Mateus 5 e em 1QH 7,25-26 – encontra respaldo em estudos sobre *resiliência*, *sentido existencial* e *regulação emocional*. A psicologia demonstra que indivíduos que interpretam o sofrimento por meio de um sentido maior, especialmente ligado a valores transcendentais, tendem a desenvolver maior força emocional, esperança e perseverança (Seligman, 2011). Isso se aproxima profundamente do ensino ético de Cristo: a alegria prometida não é emocionalismo ou fuga da dor, na verdade, fruto de uma visão ética e espiritual ampliada, na qual o sofrimento é ressignificado à luz do Reino de Deus. A ética cristã propõe que a identidade do discípulo – mesmo em dor – está ancorada em uma verdade maior do que as circunstâncias, o que se alinha à noção psicológica de que o “sentido” é um dos mais potentes fatores de sustentação emocional.

A literatura psicológica sobre enfrentamento religioso e espiritual também ilumina a leitura desta bem-aventurança: teóricos como Pargament mostram que a confiança na ação de Deus durante adversidades fortalece dimensões psicológicas essenciais, tais como senso de controle interno, capacidade de suportar estresse e percepção de propósito (Pargament, 1997), o que corresponde de forma explícita ao movimento interno do justo tanto em Mateus quanto em 1QH: mesmo diante da oposição dos iníquos, o fiel encontra alegria, porque percebe que sua vida é sustentada por Deus. Logo, a alegria nas provações não é fruto de negação psicológica, antes, de uma integração madura entre fé, esperança e ética – postura que possibilita o florescimento humano em contextos de dor. Em última instância, psicologia e ética cristã convergem ao afirmar que o comprometimento com valores transcendentais transforma o sofrimento em espaço de crescimento e maturação espiritual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise comparativa entre as Bem-aventuranças em Mateus e os textos dos *Manuscritos do Mar Morto* revela uma interconexão notável entre os ensinamentos de Jesus e as tradições judaicas mais antigas, como as do Segundo Templo, especialmente no contexto

da justiça, sofrimento e recompensa divina. Através dessa comparação, pode-se perceber tanto as semelhanças quanto as nuances que ajudam a iluminar o entendimento das Bem-aventuranças no contexto do Judaísmo do Segundo Templo e da Teologia Cristã Primitiva. Este exercício demonstrou que, embora ambos os conjuntos de textos compartilhem conceitos semelhantes, há também uma distinção significativa na ênfase teológica de cada um, refletindo tanto a expectativa messiânica quanto a reinterpretação que Jesus trazia para a realidade do Reino de Deus.

As comparações entre as Bem-aventuranças de Mateus e os *Manuscritos do Mar Morto* revelam uma convergência de ideias fundamentais sobre a justiça, a pureza, a misericórdia e a perseguição, que são amplamente compartilhadas entre as tradições judaicas do Segundo Templo e o ensinamento de Jesus.

A ênfase de Jesus na humildade, mansidão, misericórdia e pureza de coração – valores também presentes nos textos de Qumran – revela uma estrutura ética que favorece não apenas o comportamento religioso, contudo, o desenvolvimento integral do ser humano. Nas ciências psicológicas, teorias como as de Viktor Frankl ajudam a compreender como o sofrimento, quando orientado por um sentido maior, torna-se um espaço de crescimento, resiliência e construção de identidade moral (Frankl, 2017). A ética de Cristo proposta nas Bem-aventuranças pode ser vista como uma matriz de significado que molda a subjetividade do discípulo, orientando-o para uma vida marcada por propósito, esperança e responsabilidade moral.

Além disso, a psicologia moral contemporânea, especialmente concebendo aquilo que dizem expoentes como o psicólogo social e professor de Harvard Jonathan Haidt, demonstra que virtudes como misericórdia, pureza, justiça e compaixão não são apenas construções socioculturais, se consolidando como elementos fundamentais na formação de comunidades saudáveis e coesas (Haidt, 2014). Ao reinterpretar temas qumranitas à luz das Bem-aventuranças, pode-se perceber que Jesus propõe uma ética que ultrapassa o rigor

comunitário sectário dos essênios, oferecendo uma visão moral que integra compaixão, alteridade e abertura ao outro. Essa ética relacional, profundamente social e espiritual, não apenas orienta comportamentos, também estrutura a saúde emocional e o equilíbrio psíquico, convidando o discípulo a uma integração afetiva entre fé, prática e convivência.

Por fim, a convergência entre os textos de Qumran, as Bem-aventuranças e perspectivas psicológicas contemporâneas revela que a proposta ética de Cristo transcende a mera observância normativa e se constitui como um caminho de transformação integral. A promessa escatológica de Jesus – que ressignifica o sofrimento e aponta para um futuro de justiça plena – dialoga com a compreensão psicológica de que a esperança e a expectativa de sentido são elementos centrais para o bem-estar humano. Ao interpretar as Bem-aventuranças à luz dos Manuscritos do Mar Morto e da Psicologia, compreende-se que a ética do Reino não é apenas uma orientação espiritual, como também um chamado à saúde emocional, à maturidade moral e à construção de uma vida fundada na verdade, justiça e misericórdia.

REFERÊNCIAS

COLLINS, John J. **Beyond the Qumran Community: The Sectarian Movement of the Dead Sea Scrolls**. Grand Rapids: Eerdmans, p. 122-165, 2010.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, p. 46-51, 2017.

GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino; TIGCHELAAR, Eibert J. C. **The Dead Sea Scrolls Study Edition**. Leiden: Brill, 1997-1998.

GOLEMAN, Daniel. **Social Intelligence: The New Science of Human Relationships**. New York: Bantam Books, 2006.

HAIDT, Jonathan. **A mente moralista: porque as pessoas boas se dividem por política e religião**. Rio de Janeiro: Objetiva, p. 4-8, 2014.

HAIDT, Jonathan. The emotional dog and its rational tail: a social intuitionist approach to moral judgment. **Psychological Review**, v. 108, n. 4, p. 814-834, 2001.



HAIDT, Jonathan. **The Righteous Mind: Why Good People Are Divided by Politics and Religion.** New York: Pantheon Books, p. 181-318, 2012.

KOHLBERG, Lawrence. **The Philosophy of Moral Development: Moral Stages and the Idea of Justice.** New York: Harper & Row, p.45-197, 1981.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth; KESSLER, David. **On Grief and Grieving: Finding the Meaning of Grief Through the Five Stages of Loss.** New York: Scribner, p. 95-150, 2005.

MACINTYRE, Alasdair. **After Virtue: A Study in Moral Theory.** 3. ed. Notre Dame: University of Notre Dame Press, p. 52-120, 2007.

NODDINGS, Nel. **Caring: A Relational Approach to Ethics and Moral Education.** 2. ed. Berkeley: University of California Press, p. 34-61, 2013.

PARGAMENT, Kenneth I. **Psychology of Religion and Coping: Theory, Research, Practice.** New York: Guilford Press, p.11-150, 1997.

PARGAMENT, Kenneth I. **Spiritually Integrated Psychotherapy: Understanding and Addressing the Sacred.** New York: Guilford Press, p.39-82, 2007.

REST, James R. **Moral Development: Advances in Research and Theory.** New York: Praeger, p. 30-95, 1986.

RICOEUR, Paul. **Oneself as Another.** Chicago: University of Chicago Press, p. 169-296, 1992.

SELIGMAN, Martin E. P. **Flourish: A Visionary New Understanding of Happiness and Well-Being.** New York: Free Press, p. 119-160, 2011.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, Shane J. (Orgs.). **Positive Psychology: The Scientific and Practical Explorations of Human Strengths.** Thousand Oaks: Sage, p.31-120, 2007.

TAJFEL, Henri; TURNER, John C. **An Integrative Theory of Intergroup Conflict.** In: AUSTIN, William G.; WORCHEL, Stephen (org.). **The Social Psychology of Intergroup Relations.** Monterey: Brooks/Cole, 1986. p. 33-47.

TANGNEY, June P.; BAUMEISTER, Roy F.; BOONE, Augustinus L. High self-control predicts good adjustment, less pathology, better grades, and interpersonal success. **Journal of Personality**, v. 72, n. 2, p. 271–324, 2004.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: A construção da identidade moderna.** São Paulo: Loyola, p. 129-291, 2013.

VERMES, Geza. **The Dead Sea Scrolls in English.** London: Penguin Books, p. 97-115, 219-224, 1997.

WORDEN, J. William. **Grief Counseling and Grief Therapy: A Handbook for the Mental Health Practitioner.** 4. ed. New York: Springer, p.177-198, 2009.